

TRABALHO COMO NECESSIDADE VITAL E TRABALHO ALIENADO: CONTRIBUIÇÕES PARA O DEBATE DA RELAÇÃO TRABALHO- EDUCAÇÃO PARA ALÉM DO CAPITAL

Henrique T. Novaes¹

RESUMO

Este artigo pretende refletir sobre o trabalho como necessidade vital dos seres humanos e sobre o trabalho alienado no modo de produção capitalista. Na primeira seção fizemos uma breve análise da ontologia do ser social, isto é, a diferença do ser humano para os demais animais. Na segunda seção, descrevemos o trabalho alienado nos marcos da sociedade do capital, onde os trabalhadores estranham a si mesmos, o produto do seu trabalho, a sua relação com os outros seres humanos e com a natureza. Na terceira seção recuperamos as lutas dos trabalhadores para superar o trabalho alienado, principalmente nas fábricas recuperadas. Essas lutas nos levaram a crer na necessidade de florescimento do trabalho associado, na necessidade de coordenação global da produção, bem como na necessidade de uma outra proposta de educação escolar, para além do capital. Encerramos o artigo com algumas conclusões.

Palavras-chave: Trabalho; Trabalho Alienado; Educação; Autogestão.

WORK AS VITAL NEED AND ALIENATED LABOR: CONTRIBUTIONS TO THE DEBATE OF WORK-EDUCATION BEYOND CAPITAL CONNECTION

ABSTRACT

This paper reflects on the work as a vital need of human beings and the alienated labor in the capitalist mode of production. In the first section we made a brief analysis of the ontology of social being. In the second section, we describe the alienated labor in the capitalist mode of production, where workers strange themselves, the product of their work, their relationship with other human beings and with nature. In the third section we address the workers' struggles to overcome the alienated labor, especially in the recovered factories. These struggles led us to believe in the need for flourishing of associated labor, the need for socialist planning and education beyond capital. We close the paper with some conclusions.

Keywords: Work; Alienated Labor; education; self-management.

INTRODUÇÃO

Este artigo pretende refletir sobre o trabalho como necessidade vital dos seres humanos e sobre o trabalho alienado no modo de produção capitalista. Trata-se de um artigo introdutório ao tema, voltado, sobretudo, para os trabalhadores da educação. Na medida do possível, tentamos simplificar o debate, mas, como o tema é complexo, isto não foi possível em algumas passagens.

Na primeira seção, fizemos uma breve análise da ontologia do ser social, isto é, a diferença do ser humano para os demais animais. Na segunda seção, descrevemos o trabalho alienado nos marcos da sociedade do capital, onde o trabalhador estranha a si mesmo, o produto do seu trabalho, a sua relação com os outros seres humanos e com a natureza. Na terceira seção, realizamos um breve esboço da superação parcial da alienação do trabalho com base em nossas pesquisas a respeito dos movimentos sociais anticapital. Elas nos levaram a crer na necessidade de florescimento do trabalho associado e em espaços escolares para além do capital. Encerramos o artigo com algumas conclusões.

A ONTOLOGIA DO SER SOCIAL: A DIFERENÇA ENTRE SER HUMANO E OS DEMAIS ANIMAIS

Marx (1996) e Lukács (2010) se debruçaram sobre as particularidades dos seres humanos em relação aos demais animais e à natureza. Para eles, o trabalho é o fundamento do ser humano, a essência do ser humano. É o autêntico fundamento de uma comunidade humana (INFRANCA, 2005).

Para Infranca (2005), o trabalho é o fenômeno originário que permite a passagem do ser orgânico ao ser social. Marx distingue o ser humano dos animais ao levar em consideração os seguintes aspectos: diferentemente dos animais, o ser humano é a única espécie animal em que a atividade vital é consciente (LUKÁCS, 2010), e é orientada a um fim (teleologia do trabalho)². Em outras palavras, o ser humano é a única espécie que consegue planejar (prévia ideação) antes de executar, só ele concebe o trabalho previamente antes de executar seu trabalho. Nas palavras de Marx (1996, p. 22):

[...] Mas o que distingue, de antemão, o pior arquiteto da melhor abelha é que ele construiu o favo em sua cabeça, antes de construí-lo em cera. No fim do processo de trabalho obtém-se um resultado que já no início deste existiu na imaginação do trabalhado, e portanto idealmente (MARX, 1983, P. 149-50)

Se os demais animais se reproduzem apenas por instinto, o ser humano consegue trabalhar conscientemente, produzir ferramentas, “regular” a natureza e, ao mesmo tempo, transformar-se. Além disso, só o ser humano se educa, só ele se desenvolve, só ele dá respostas para os problemas que surgem e só ele possui necessidades educacionais ilimitadas.

Inúmeros historiadores, estudando a questão do trabalho, procuraram realizar uma “arqueologia do trabalho”, isto é, verificar, ao longo da história, como os seres humanos conseguiram criar seus instrumentos de trabalho, os meios de produção da vida, que, concomitantemente, transformavam a natureza e se transformavam.

Para Marx (1996), o que diferencia o ser humano dos demais animais é que somente o ser humano é um “tool maker” (fabricador de ferramentas/instrumentos de trabalho). Além disso, ele observa que animais como as abelhas, castores e formigas erguem ninhos, habitações, etc.³ Mas o animal:

[...] só produz o que é absolutamente necessário para si ou para os seus filhotes; produz apenas numa só direção, ao passo que o homem produz universalmente; produz somente sob a dominação da necessidade física imediata, enquanto o homem produz quando se encontra livre da necessidade física e só produz verdadeiramente na liberdade de tal necessidade; o animal apenas se produz a si, ao passo que o homem

reproduz toda a natureza; o seu produto pertence imediatamente ao seu corpo físico, enquanto o homem é livre diante do seu produto. O animal constrói apenas segundo o padrão e a necessidade da espécie a que pertence, ao passo que o homem sabe como produzir de acordo com o padrão de cada espécie e sabe como aplicar o padrão apropriado ao objeto; assim, o homem constrói também em acordo com as leis da beleza (MARX, 2004, p. 117).

Cabe, agora, observar que, para tentar desvendar a diferença do processo de trabalho capitalista das fases históricas anteriores da humanidade, Marx analisou o surgimento da Maquinofatura (1ª Revolução Industrial) – e procurou desvendar o fetiche da mercadoria através da demonstração teórico-histórica do processo de trabalho capitalista, evidenciando ser, ao mesmo tempo, processo de produção de valores de uso e processo de produção de mais-valia (mais-valor)⁴.

Reconstituir o processo de trabalho, de modo a verificar se nele há um processo de exploração do trabalho – seja através de mais-valor absoluto ou relativo –, é tarefa fundamental não só para entender os mecanismos de exploração-alienação no capitalismo, como para encontrar formas de superá-lo.

Trazendo este debate para os dias atuais, inúmeros pesquisadores e documentaristas têm denunciado a exploração do trabalho e o crescimento do trabalho análogo ao escravo nos ramos das confecções, da construção civil, assim como no ramo petrolífero, nos canaviais, etc. É muito difícil encontrar um setor que escape a esta tendência no capitalismo sob a hegemonia financeira⁵. Vasapolo (2005), Linhart (2007), Hirata (2002), Antunes (2008) têm mostrado o crescimento do trabalho infantil e do trabalho feminino nesta nova fase de acumulação flexível, impulsionada pela hegemonia do capital financeiro, na qual coexistem taylorismo-fordismo e toyotismo, trabalho complexo e trabalho análogo à escravidão, subemprego e desemprego, terceirização, em que os setores “modernos” e “atrasados” estão articulados.

O TRABALHO ALIENADO

Como rotina, somos insultadas. Quando o patrão se enfurece, ele nos xinga de cadelas, porcas, vagabundas; temos de agüentar tudo isso com resignação, sem reagir [...] Oficialmente, trabalhamos das sete da manhã às três da tarde (com um salário inferior a dois dólares por dia), mas, com freqüência, temos de fazer horas extras obrigatórias; algumas vezes – especialmente se há um pedido urgente a ser entregue – até as nove da noite. Por mais que estejamos cansadas, não podemos ir pra casa. Recebemos um pagamento extra de 200 rúpias (10 centavos de dólar) [...] Vamos a pé para a fábrica, de onde vivemos. Dentro da fábrica é muito quente. O galpão tem um telhado metálico, e não há muito espaço. É tudo muito apertado. São mais de 200 pessoas trabalhando ali, a maioria, mulheres, mas há apenas um banheiro para toda a fábrica [...] Depois do trabalho, quando chegamos em casa, não temos forças para fazer mais nada, a não ser comer e dormir (SEABROOK, 1996, apud HARVEY, 2005, p. 88).

O relato das duas irmãs, acima citado, é um típico exemplo de trabalho alienado nos marcos da acumulação flexível, do “retorno” do trabalho análogo ao escravo.

É bastante conhecida a frase onde Marx (1996, p.77) observa que, “se o trabalhador pudesse, fugiria do trabalho como foge da peste”. O trabalhador só se sente junto a si fora

do trabalho e fora de si no trabalho. O trabalho ganha ares de trabalho forçado, compulsório, imposto, uma atividade odiosa, que gera sofrimento, um suplício. Não é a satisfação de uma necessidade, mas somente um meio para satisfazer necessidades fora dele (MARX, 2004; ANTUNES, s/d; LIMA FILHO, 1996).

Sob a égide do capital, o trabalho é fonte de sofrimento, tortura, mera atividade de sobrevivência sem nenhum sentido social (LUKÁCS, 2010; MÉSZÁROS, 2002). Isto, porém, não significa que este tipo específico de trabalho seja eterno e esteja em todos os momentos da história da humanidade. Marx (2004) não só reconheceu a negatividade do trabalho no capitalismo, como observou que nós seres humanos podemos construir um novo modo de produção onde o trabalho esteja voltado para o nosso desenvolvimento integral e para a satisfação das nossas necessidades⁶. Nesta sociedade, o trabalho não será mais alienado, sendo controle de acordo com as necessidades dos produtores livremente associados.

Daniele Linhart (2007) caracterizou a ambivalência - que estamos chamando de positividade e negatividade - de todos nós em relação ao trabalho em duas frases:

“- Não se pode viver sem trabalho: o trabalho dá sentido, valor ao tempo livre e à vida

- O trabalho nos impede de viver, de aproveitar a vida; ele estraga a vida; não se tem tempo suficiente para viver” (LINHART, 2007, p. 42).

Ricardo Antunes (s/d), na apresentação da coleção *Trabalho e Emancipação* da Editora Expressão Popular, chega a conclusões parecidas:

Na longa história da atividade humana, em sua incessante luta pela sobrevivência, pela conquista da dignidade, da humanidade e da felicidade social, o mundo do trabalho tem sido vital. Foi por meio do trabalho que os indivíduos, homens e mulheres, distinguiram-se dos animais. É célebre a distinção, feita por Marx, entre o “pior arquiteto e a melhor abelha”: o primeiro concebe previamente o trabalho que vai realizar, enquanto a abelha labora instintivamente. Essa marca tornou a história humana uma realização monumental, rica e cheia de caminhos e descaminhos, de alternativas e desafios, de avanços e recuos. Sem o trabalho, a vida cotidiana não se reproduziria. Contudo, por outro lado, quando a vida humana se resume exclusivamente ao trabalho, ela se converte num esforço penoso, aprisionando os indivíduos e unilateralizando-os. Se, por um lado, necessitamos do trabalho humano e de seu potencial emancipador, devemos também recusar o trabalho que explora, aliena e infelicitiza o ser social. Essa dupla dimensão presente no processo de trabalho – que cria mas também subordina, emancipa e aliena, humaniza e degrada, libera e escraviza – converte o estudo do trabalho nosso mundo, de nossas vidas, neste conturbado século 21, cujo desafio maior é dar sentido ao trabalho humano e tornar a nossa vida fora do trabalho também dotada de sentido (ANTUNES, s/d)

Os sintomas da negatividade do trabalho podem ser vistos no horror ao trabalho degradante nos marcos da exploração capitalista, no desinteresse pelo trabalho, no absentismo, nos suicídios, na rotatividade e nas lutas e reivindicações por tempo livre, controle do trabalho, autogestão, etc.⁷

De acordo com Antunes (2008, p. 144),

O que deveria se constituir na finalidade básica do ser humano – a sua realização *no e pelo* trabalho – é pervertido e depauperado. O processo de

trabalho se converte em meio de subsistência. A força de trabalho torna-se, como tudo, uma mercadoria, cuja finalidade vem a ser a produção de mercadorias. O que deveria ser a forma humana de realização do indivíduo reduz-se à única possibilidade de subsistência do despossuído

Ao mesmo tempo, a vida sem trabalho gera angústia. A trabalhadora e o trabalhador sem trabalho se sentem um pária, um nada. Afinal, qual o sentido da vida para uma trabalhadora desempregada? Para um jovem trabalhador que procura, procura e procura um emprego com carteira assinada e não consegue?

Um cineasta argentino captou muito bem a relação entre trabalho alienado – desemprego e expressou este drama humano com o seguinte título do filme *Me matam se não trabalho e se trabalho me matam* (GLEYZER, 1974). Por outro lado, uma vida cheia de sentido social no trabalho “produtivo” e fora do trabalho só pode se dar, de fato, na sociedade comunista.

Não são poucas as lutas que estão surgindo para a desalienação do trabalho, as quais – *in statu nascendi* – superam parcialmente o trabalho alienado, mas, evidentemente, enfrentam limites para a sua total transcendência⁸.

Daniele Linhart (2007) faz inúmeras pontes entre a vida sem trabalho e a organização da vida nos séculos XIX e XX na seguinte passagem:

Ao reunir os trabalhadores em um mesmo local de trabalho, a industrialização capitalista destruiu seu ambiente doméstico e familiar. A estruturação do tempo e do espaço ocorreu em função dos horários e dos locais de trabalho assalariado. Esse processo produziu um vazio em torno das grandes concentrações de trabalho. A ausência de uma grande parte da população, durante o horário de trabalho, institucionalizou-se por meio da moradia (bairros dormitórios nas periferias, cidades operárias, casas populares, conjuntos habitacionais, entre outros) e da organização do lazer (a maioria dos espetáculos acontece após o horário de trabalho, ganhando ares de recompensa após o esforço; o “depois do trabalho” alterna-se com o trabalho). Nessas condições, não trabalhar, ou melhor, não exercer atividade em um local de trabalho, implica uma longa espera diurna, na maioria das vezes. Fica-se à espera de que as pessoas voltem do trabalho e que o mundo do lazer, ou simplesmente tempo “livre”, se anime (LINHART, 2007, p. 42-43)

Para Marx (2004), o fenômeno da alienação pode ser entendido em seus quatro aspectos: a relação do trabalhador consigo mesmo, com o produto do seu trabalho, a sua relação com os outros seres humanos e com a natureza (MÉSZÁROS, 2006; AGAZZI, 2000)⁹.

Nos manuscritos econômicos filosóficos, Marx reconhece que a chave de toda alienação – religiosa, jurídica, moral, artística, política, econômica – é o trabalho alienado, a forma alienada da atividade prática do homem (MÉSZÁROS, 2006). No seu livro *A teoria da alienação em Marx*, Mézáros (2006) produziu uma excelente análise, recomposição e atualização do pensamento de Marx sobre este tema. Chamamos a atenção do leitor para o desenvolvimento didático dos quatro aspectos da alienação abordados por Mézáros: econômicos, debatidos no Capítulo IV, políticos, abordados no Capítulo V, ontológicos e morais, debatidos no Capítulo VI, e estéticos, decifrados no Capítulo VII.

Dito de outra forma, para Marx, o trabalho alienado reflete não só a relação do trabalhador consigo mesmo e com o produto do seu trabalho, como sua relação com os outros seres humanos e com a natureza. Nas palavras de Mézáros:

A alienação da humanidade, no sentido fundamental do termo, significa perda de controle: sua corporificação numa força externa que confronta os indivíduos como um poder hostil e potencialmente destrutivo. Quando Marx analisou a alienação nos seus manuscritos de 1844, indicou os seus quatro principais aspectos: a alienação dos seres humanos em relação à natureza; à sua própria atividade produtiva; à sua espécie, como espécie humana; e de uns em relação aos outros. E afirmou enfaticamente que isso não é uma “fatalidade da natureza”, mas uma forma de auto-alienação.

Dito de outra forma, não é o feito de uma força externa todo-poderosa, natural ou metafísica, mas o resultado de um tipo determinado de desenvolvimento histórico, que pode ser positivamente alterado pela intervenção consciente no processo de transcender a auto-alienação do trabalho (MÉSZÁROS, 2006, p.7).

Da mesma forma que Mészáros, Netto e Braz (2008) resumiram com precisão o debate da alienação do trabalho na seguinte passagem:

Em determinadas condições histórico-sociais, os produtos do trabalho e da imaginação humanos deixam de se mostrar como objetivações que expressam a humanidade dos homens – aparecem mesmo como algo que, escapando ao seu controle, passa a controlá-los como um poder que lhes é superior. Nessas condições, as objetivações, ao invés de se revelarem aos homens como a expressão de suas forças sociais vitais, impõem-se a eles como exteriores e transcendentais. Numa palavra: entre os homens e suas obras, a relação real, que é a relação entre criador e criatura, aparece invertida – a criatura passa a dominar o criador. Essa inversão caracteriza o fenômeno histórico da alienação. E se trata mesmo de um fenômeno histórico porque, embora se configurando como um fato de grande perdurabilidade, verdadeiramente trans-histórico, as condições sociais em que ele se processa não são eternas nem naturais – são condições que podem ser superadas no curso do desenvolvimento histórico. (NETTO; BRAZ, 2008, p. 44-45).

Deste ponto de vista, podemos concluir, nos termos de Mészáros (2006), que alienação política significa perda de controle das instâncias decisórias fundamentais e que a desalienação política significa a “devolução” do poder político aos trabalhadores. Em poucas palavras, o poder decisório fundamental foi alienado às grandes corporações, ao Estado capitalista (burocracia estatal, escolas, etc.), aos sindicatos burocratizados, etc. e aos Governantes que executam as funções vitais de reprodução do sociometabolismo do capital.

A alienação no *ato da produção* (processo de trabalho), a alienação no resultado do produto do seu trabalho e a alienação de si/da civilização humana foram exploradas por Marx nos *Manuscritos Econômico-Filosóficos*, na *Questão Judaica*, e em *O Capital*. Lembremos que sua construção sobre o fetichismo da mercadoria busca justamente mostrar que a relação entre coisas na verdade é uma relação entre seres humanos que,

[...] escapando ao seu controle, passa a controlá-los como um poder que lhes é superior. Nessas condições, as objetivações, ao invés de se revelarem aos homens como a expressão de suas forças sociais vitais, impõem-se a eles como exteriores e transcendentais. Numa palavra: entre

os homens e suas obras, a relação real, que é a relação entre criador e criatura, aparece invertida – a criatura passa a dominar o criador (NETTO; BRAZ, 2008, p. 42).

Para Marx (2004, p. 82):

Mas o estranhamento não se mostra apenas no resultado [produto do seu trabalho], mas também, e principalmente, no *ato da produção*, dentro da própria *atividade produtiva*. Como poderia o trabalhador defrontar-se alheio (*fremd*) ao produto de sua atividade se no ato mesmo da produção ele não se estranhasse a si mesmo?

Nas palavras de Netto e Braz (2008, p. 45):

[...] a alienação é própria de sociedades onde têm vigência a divisão social do trabalho e a propriedade privada dos meios de produção fundamentais, sociedades nas quais o produto da atividade do trabalhador não lhe pertence, nas quais o trabalhador é expropriado – quer dizer, sociedades nas quais existem formas determinadas de exploração do homem pelo homem.

Para ilustrar a alienação do produtor em relação ao produto do seu trabalho, nunca é demais lembrar que, para Marx (2004, p. 122): “O comerciante de minerais vê apenas o valor mercantil, mas não a beleza e a natureza peculiar do mineral. Para o produtor de minerais, o mineral não tem sentido mineralógico algum”, ele é apenas um valor troca¹⁰.

A alienação do processo de trabalho se dá basicamente com o surgimento do modo de produção especificamente capitalista, isto é, com o surgimento da Maquinofatura, onde o saber é expropriado pelo capital e transferido para um “sistema automático de máquinas”.¹¹

A SUPERANÇA POSITIVA DA ALIENAÇÃO DO TRABALHO: A NECESSIDADE DE FLORESCIMENTO DO TRABALHO ASSOCIADO E A EDUCAÇÃO PARA ALÉM DO CAPITAL

Para Mészáros (2002), a transcendência positiva da alienação do trabalho poderia se dar num processo longo e complexo de lutas para a modificação da atividade de trabalho, caracterizada pela promoção de “descontinuidades na continuidade” e dentro de um projeto revolucionário. Cabe frisar projeto revolucionário porque, defende o autor, uma mudança social profunda precisa de um salto qualitativo.

A necessidade de um “[...] controle social global consciente das condições de auto-realização humana” é imprescindível para que os seres humanos rompam “a tirania da base material” (MÉSZÁROS, 1993, p. 201). O autor confere aos Conselhos de Trabalhadores e outras formas de mediação o papel de levar a termo um “planejamento genuíno”. Lembremos que os Conselhos têm um potencial mediador e emancipador ao solucionar, de forma racional, os problemas existenciais vitais dos trabalhadores, suas preocupações cotidianas com moradia e trabalho, as grandes questões da vida social de acordo com suas necessidades elementares de classe (MÉSZÁROS, 2002; NESS; AZZELLINI, 2011; MARTORANO; PINHEIRO, 2013). Nunca é demais ressaltar que nos Conselhos de Trabalhadores e em outras formas de mediação os trabalhadores estão se auto-educando para o exercício de novas relações sociais, portanto, eles fazem parte do complexo de educação para além do capital.

Para Mészáros, enquanto as funções controladoras vitais do sociometabolismo não forem efetivamente “devolvidas”, ocupadas e exercidas autonomamente pelos produtores associados, mas deixadas à autoridade de um pessoal de controle separado (ou seja, um novo tipo de personificação do capital), o próprio trabalho continuará a reproduzir o poder do capital contra si mesmo, mantendo materialmente e, dessa forma, estendendo a dominação da riqueza alienada sobre a sociedade (MÉSZÁROS, 2002, p. 601).

No que se refere aos embriões de desalienação política e econômica, poderíamos citar o caso das Fábricas Recuperadas (FR) (FARIA, 2011; HENRIQUES, 2013), onde há princípios de superação da divisão de trabalho capitalista entre os que pensam e os que executam, entre os que trabalham e os que controlam os meios de produção. Desenvolvemos algumas destas ideias com base em Novaes (2011 e 2013). Aqui, faz-se necessário retomá-las. Mesmo dentro dos limites de um processo de trabalho que envolve inúmeras cadeias produtivas e inúmeras fábricas, as FRs tentam superar, dentro do seu microcosmo, a “hierarquia estrutural do capital” (MÉSZÁROS, 2002), tentam reunificar o *homo faber* e o *homo sapiens*. As decisões são tomadas em assembleias democráticas, os trabalhadores fazem rodízio nos postos estratégicos, há revogabilidade dos cargos.

São realizadas ações que permitem o aumento do conhecimento do processo de trabalho na fábrica, que nos levaram a afirmar que temos uma superação parcial da desalienação do trabalho, convivendo com elementos de preservação da alienação do trabalho.

Cabe lembrar que, no final dos anos 1920, Gramsci presenciou, em Turim, as lutas pela formação dos conselhos operários, levando-o a teorizar sobre o papel pedagógico dos conselhos operários para as lutas anti-capital. Para ele, os conselhos de fábrica eram uma “escola maravilhosa”. Justamente de tal questão decorre o título desta seção: acreditamos que o trabalho associado é extremamente pedagógico, mas é óbvio que ele não esgota em si mesmo o papel da educação numa possível e necessária transição para além do capital.

Em algumas FR, houve uma superação da divisão do trabalho capitalista na medida em que o conhecimento, que ficava retido nas mãos de alguns, passou a ser socializado. A dependência em relação aos “engenheiros-capatazes” e ao trabalho complexo, realizado por eles, foi modificada em alguma medida.

Nos casos mais avançados, esboça-se a superação do sistema salarial mediante o princípio: “[...] a cada um segundo as suas possibilidades, a cada um segundo as suas necessidades” (MARX, 2012, p. 216). Em outros casos, há uma maior aproximação das retiradas (“salários”) e a criação de fundos, seja para apoiar as lutas de outros trabalhadores, seja para permitir a alguns trabalhadores o acesso à universidade, seja para melhorar os rendimentos de fim de ano, etc. Deste ponto de vista, a superação embrionária do sistema salarial e a criação de fundos são respostas dos trabalhadores associados ao que Mészáros (2006) chama de alienação econômica.

Não deixa de ser importante destacar o caso de uma FR na Argentina, onde foi criado um fundo para melhorar a retirada dos trabalhadores que tinham maiores gastos com filhos. Isso nos lembra o princípio da “igualdade substantiva”, desenvolvido por Mészáros, fundamentado nos escritos de François Babeuf e Karl Marx. Para articular seu argumento, Mészáros recorreu ao seguinte parágrafo do socialista francês Babeuf. Vejamos:

A igualdade deve ser medida pela capacidade do trabalhador e pela carência do consumidor, não pela intensidade do trabalho nem pela quantidade de coisas consumidas. Um homem dotado de certo grau de força, quando levanta um peso de dez libras, trabalha tanto quanto outro homem com cinco vezes a sua força que levanta cinquenta libras. Aquele que, para saciar uma sede abrasadora, bebe um caneco de água, não

desfruta mais do que seu camarada que, menos sedento, bebe apenas um copo. O objetivo do comunismo em questão é igualdade de trabalhos e prazeres, não de coisas consumíveis e tarefas dos trabalhadores (BABEUF, apud MÉSZÁROS, 2007, p. 42).

Certamente, este princípio não esgota os desafios colocados, mas acreditamos que ele ajuda a orientar as lutas dos movimentos que combinam a questão de classe e de gênero, de classe com a questão da geração e da etnia, materializando o princípio da igualdade substantiva. Sobre isto, devemos lembrar ao leitor um caso relatado pelos amigos do Coletivo Usina – um grupo de arquitetos e cientistas sociais que prestam assessoria aos movimentos sociais. Eles disseram que, em um mutirão, chegou-se a pensar em dividir o trabalho “igualmente” entre todos os membros. Logo, perceberam que havia pessoas idosas, infartados e trabalhadores/as com outros problemas que não poderiam exercer “igualmente” o trabalho pesado. Desta constatação, decorre o princípio de Babeuf citado anteriormente: “um homem dotado de certo grau de força, quando levanta um peso de dez libras, trabalha tanto quanto outro homem com cinco vezes a sua força que levanta cinquenta libras” (apud MÉSZÁROS, 2007, p. 42).

Ainda nos casos mais avançados, os trabalhadores cooperados das FRs fazem de tudo para não terem um estatuto diferenciado de outros trabalhadores, ou seja, lutam para que todos sejam cooperados. É importante destacar este fato porque veremos, a seguir, que uma parcela razoável das FR está contratando terceirizados, para nós, um sintoma da degeneração das mesmas. Isso nos permite afirmar que, nestas experiências, o trabalho associado torna-se princípio educativo.

Mesmo estando inseridas no sistema produtor de mercadorias, muitas experiências de trabalho associado dos movimentos sociais têm como projeto a desmercantilização da sociedade, isto é, uma sociedade sem lucros, sem acumulação de capital, onde os bens produzidos satisfaçam as necessidades humanas¹².

Por último, mas não menos importante, cabe lembrar que a FaSinPat Zanón e, em alguma medida, a Flaskô – uma fábrica ocupada – estão juntando os trabalhadores “classistas”, o que pode ser interpretado como uma tentativa de unificação de parcelas da classe trabalhadora argentina que tem um propósito para além do capital. Já podemos adiantar que a FaSinPat Zanón é uma das poucas FRs que não sucumbiu à acomodação e à degeneração, ela permanece viva e sua luta é renovada a cada dia. Todos estes princípios exercitados diariamente nas FRs são pedagógicos e serão fundamentais na luta para a desalienação do trabalho.

Ao pensar nos desafios a serem enfrentados na constituição de uma educação emancipatória, Mézáros (2005) entende ser necessária a criação de organizações horizontais dos trabalhadores – com vistas a desalienar o trabalho –, atreladas a um processo escolar que supere as formas de internalização do capital. Somente com outro processo de internalização pode-se contribuir para a transcendência do que Mézáros (2002) denomina sociometabolismo do capital, o qual se reproduz em todos os planos da vida. Desse modo, não é suficiente a existência da propriedade coletiva dos meios de produção, até porque, como observou Marx (2009) na crítica a Proudhon, a produção de mercadorias pode permanecer intacta, o sistema salarial, o papel dos gestores e a concorrência poderão se perpetuar sob novas formas. Não custa repetir que o que está em questão é o sentido do trabalho ou, em termos mais gerais, a retomada do controle do produto do trabalho, do processo de trabalho, de si e da civilização humana pelos seres humanos.

Até aqui, detivemo-nos nos aspectos políticos e econômicos da alienação. Mézáros (2006), Vázquez (2009) e Fátima Cabral (2012) atribuem um papel fundamental à

educação estética para o desenvolvimento humano. Para a última, a indústria cultural promove a regressão do ouvido humano. Dentro do complexo de produção e reprodução da vida alienada, a indústria cultural promove arte conservadora, que gera lucros vultosos e dominação. Ela mantém seus consumidores alienados. Apenas para citar um exemplo: “para o ouvido não musical a mais bela música não tem nenhum sentido” (MARX, 2004).

Enquanto isso, a arte revolucionária, ao mesmo tempo que “desaliena” parcialmente o seu produtor, ajuda os seres humanos a desenvolver seus ouvidos, suas mãos, seus olhos. Parcialmente desalienados, porque – como vimos - a desalienação completa dos seres humanos só pode se dar na sociedade governada pelos produtores livremente associados.

Do ponto de vista da educação estética, uma das tarefas fundamentais das escolas ligadas a lutas emancipatórias é preparar as mãos, os ouvidos, o cérebro, os olhos, isto é, os sentidos humanos para produzir arte revolucionária e “captar” as grandes obras da humanidade. Lembremos que, para Marx (2004), deve haver uma emancipação completa de todas as qualidades e sentidos humanos.

No que se refere ao espaço propriamente escolar, esboçamos nas páginas abaixo quais seriam os fundamentos de uma Escola do Trabalho Emancipado:

- exercício da autogestão na escola: rodízio de funções, hábito coletivo e autogestionário. Este princípio tem como base a pedagogia da autoorganização/criação de novas relações sociais na escola, ou seja, a forma escolar forma. (PISTRAK et al., 2009; TRAGTENBERG, 2006; DAL RI; VIEITEZ, 2008; FREITAS, 2009, NOVAES; CASTRO, 2011; NASCIMENTO, 2011);
- exercício da autogestão do sistema educativo, passando por todas as esferas hoje alienadas dos professores, funcionários, alunos e “comunidade”. Sobre isto, basta lembrar o poder da administração central na conformação do currículo, da política salarial, do plano de carreira, da supervisão do sistema, na avaliação, etc.
- Realização de Trabalho Socialmente Necessário/Útil (Limpeza, Preparação da Comida, Jardinagem, etc.) (PISTRAK et al. 2009; SHULGIN, 2013);
- Preparação para a luta e inserção nas lutas do seu tempo (atualidade), ligando a escola com o seu meio social (PISTRAK et al. 2009; NOVAES, 2012);
- Utilização do “método” de complexos temáticos/estudo a partir da totalidade, tendo em vista a compreensão do sociometabolismo do capital sob uma perspectiva totalizante, dinâmica e contraditória, que combine totalidade e particularidade (PISTRAK et al., 2009; LUKÁCS, 2010);
- Educação estética: preparação para a compreensão e construção de cultura não mercadológica (MÉSZÁROS, 2006, cap. 13; CABRAL, 2012; HILSENBECK FILHO, 2012; VÁZQUEZ, 2009);
- Educação física para o desenvolvimento do corpo humano;
- Estudo da história de um ponto de vista materialista e resgate da Teoria da Revolução brasileira (RODRIGUES, 2013; LIMA FILHO, MACEDO, 2011);
- Exercício do trabalho desalienado, isto é, a escola deve preparar para o trabalho coletivo e desalienado (MÉSZÁROS, 2002; PISTRAK, 2002; BRUNO, 2004; VIEITEZ; DAL RI, 2001);
- Socialização do conhecimento historicamente acumulado (LOMBARDI, 2011; SAVIANI, 2008; RAMOS, 2010), para que os trabalhadores

possam compreender os “fundamentos científicos do trabalho”. Ao mesmo tempo, realização de um balanço da ciência do capital, isto é, como a ciência e a tecnologia não são neutras, realização de um inventário e filtro das forças produtivas e destrutivas criadas pelo capital e desenvolvimento de tecnociência para a emancipação humana, tendo em vista a desmercantilização completa da sociedade e o autogoverno pelos produtores livremente associados (DAGNINO, 2008; NOVAES, 2012; CALDART, 2013; ROLO, 2012).

CONCLUINDO ...

Vimos nas páginas acima que, para o marxismo, a chave para a compreensão do capitalismo é o processo de trabalho, as relações de produção.

Dando um passo atrás, compreender as formas históricas anteriores e pensar outras formas de organização do trabalho são passos fundamentais para compreender a singularidade do ser humano (ontologia do ser social), bem como a possibilidade/necessidade de superação do trabalho alienado. Vimos que, dentro dos marcos do capital, seja no “capitalismo real”, seja no “socialismo real”, os trabalhadores não decidem o que produzir, como produzir, para quem produzir.

Mészáros (2004) acredita que a transcendência do trabalho alienado é o tema mais urgente neste novo milênio. Ele defende a necessidade de universalização do trabalho enquanto atividade vital do ser humano (positividade do trabalho). Certamente, quando ele se refere à universalização do trabalho, quer nos dizer que todos nós devemos trabalhar, desde que seja um trabalho não explorado, um trabalho que nos enriqueça como ser humano. Pressupõe que tenha características de uma atividade cheia de sentido, produtora de valores de uso voltados para a satisfação das necessidades humanas e não o trabalho embrutecedor, o trabalho degradante, produtor de mercadorias e voltado para a reprodução ampliada do capital. Mészáros (2002) também não se refere a um igualitarismo formal, mas à igualdade substantiva “[...] a cada um segundo as suas capacidades, a cada um segundo as suas necessidades” (MARX, 2012, p. 216).

Acreditamos que, somente através da luta unificada dos movimentos sociais anticapital (RODRIGUES; NOVAES; BATISTA, 2012) e dentro de um projeto revolucionário, poderemos transcender o trabalho alienado e a vida alienante.

Em oposição à ordem expansionista do capital, há a emergência de novas formas de organização da produção pelos trabalhadores, que têm o trabalho associado como princípio educativo e trazem consigo o debate de uma educação para além do capital.

Apenas uma educação que se norteie pelo princípio do Trabalho Associado/não alienado, na produção e na vida social como um todo, e se coloque a tarefa revolucionária de emancipação humana, por meio da reorganização da vida material e cultural, poderá superar o sociometabolismo do capital.

Referências

A CLASSE operária vai ao paraíso. Direção de Elio Petri. Roma: Euro International Film, 1976. Videocassete.

A CORPORAÇÃO. 2002. Direção de Jeniffer Abbott e Mark Achbar. 2002. Canadá. Dvd.

- AGAZZI, D. L. **Trabalho e alienação no paradigma marxiano**: uma discussão teórica e uma reflexão sobre a sua aplicação no capitalismo contemporâneo. 2000, 317 f. Tese (Doutorado em Economia), FEA – USP, São Paulo, 2000.
- ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho?** 15. ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- ANTUNES, R. **Apresentação da coleção *Trabalho e Emancipação***. São Paulo: Expressão Popular, s/d.
- BRAVERMAN, H. **Trabalho e capital monopolista**. Rio de Janeiro: LTC, 1987.
- BRUNO, L. **Estudos sobre poder político, ideologia, trabalho e educação**. 2004. 512 f. Tese (Livre-Docência), FE – USP, São Paulo, 2004.
- CABRAL, F. Arte para pensar a vida e educar os sentidos. In: MENDONÇA, S. G. L. et al. (Orgs.). **Marx, Gramsci e Vigotski**: aproximações. Araraquara, SP: Junqueira & Marin, 2012. p. 377-398.
- CALDART, R. **Desafios do vínculo entre trabalho e educação na luta e construção da Reforma Agrária Popular**. Goiânia, 36^a Reunião Anual da Anped, GT Trabalho e Educação, 2013 (pdf).
- CHINA Blue. Direção de Micha X. Peled. Estados Unidos: Teddy Bear. 2005. Dvd.
- CONTERRÂNEOS velhos de guerra. Direção de Vladimir Carvalho. Rio de Janeiro: Vertovisão, 1984. Videocassete.
- DAGNINO, R. **Neutralidade da ciência e determinismo tecnológico**. Campinas: UNICAMP, 2008.
- DAL RI, N. M.; VIEITEZ, C. G. **Educação democrática e trabalho associado no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra e nas fábricas de autogestão**. São Paulo: Ícone-Fapesp, 2008.
- DIAMANTE de sangue. Direção de Edward Zwick, 2006.
- FARIA, M. S. **Autogestão, cooperativa, economia solidária**: avatares do trabalho e do capital. Florianópolis: Editora em Debate, 2011.
- FREITAS, L. C. A luta por uma pedagogia do meio: revisitando o conceito. In: PISTRAK, M. M. **A escola-comuna**. São Paulo: Expressão Popular, 2009, 8-100.
- HARVEY, D. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005.
- HENRIQUES, F. C. **Empresas Recuperadas por Trabalhadores no Brasil e na Argentina**. Doutorado (Planejamento urbano e regional). UFRJ, Rio de Janeiro, 2013.
- HILSENBECK, Filho A. **O MST e o teatro**: potencialidades pedagógicas. 2012. Disponível em: <<http://passapalavra.info/2012/11/66247>>. Acesso em: 15 nov. 2012.
- HIRATA, H. **Nova divisão sexual do trabalho?** São Paulo: Boitempo, 2002.
- IASI, M. Alienação e ideologia: a carne real das abstrações ideais. In: DEL ROIO, M. (org.) **Marx e a dialética da sociedade civil**. Marília: Oficina Universitária, 2014, p. 95-124.
- INFRANCA, A. **Trabajo, individuo, historia**: el concepto de trabajo em Lukács. Buenos Aires: Herramienta, 2005.
- ILHA DAS Flores. Direção de Jorge Furtado. Porto Alegre: Casa de cinema de Porto Alegre, 1989.

ME MATAM SE não trabalho e se trabalho me matam. Direção de Raymundo Gleyzer. Buenos Aires, 1974. Videocassete.

LIMA FILHO, P. A. Os devoradores da ordem: exclusão social no capitalismo incompleto. In: GALEAZZI, M. A. (Org.). **Segurança alimentar e cidadania: a contribuição das universidades paulistas**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1996. p. 45-77.

LIMA FILHO, P. A.; MACEDO, R. A poeira dos mitos: Revolução e contrarrevolução nos capitalismo da miséria. In: BENINI, É.; SARDÁ DE FARIA, M. S.; NOVAES, H. T.; DAGNINO, R. **Gestão pública e sociedade: fundamentos e políticas públicas de economia solidária**. São Paulo: Outras Expressões, 2011. p. 150-182.

LINHART, D. **A desmedida do capital**. São Paulo: Boitempo, 2007.

LOMBARDI, J. C. **Educação e ensino na obra de Marx e Engels**. Campinas, SP: Alínea, 2011.

LUKÁCS, G. **Prolegômenos para uma ontologia do ser social**. São Paulo: Boitempo, 2010.

MARX, K. **O capital**. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983, vol I.

MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos de 1844**. Lisboa: Avante, 1994.

MARX, K. **O capital**. São Paulo: Nova Cultural, 1996. v. I e II.

MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2004.

MARX, K. **A miséria da filosofia**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

MARX, K. **O capital**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013, vol I.

MARX, K. **Crítica do programa de Gotha**. São Paulo: Boitempo, 2012.

MÉSZÁROS, I. **Filosofia, ideologia e controle social**. São Paulo: Ensaio, 1993.

MÉSZÁROS, I. **Para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2002.

MÉSZÁROS, I. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2005.

MÉSZÁROS, I. **A teoria da alienação em Marx**. São Paulo: Boitempo, 2006.

MÉSZÁROS, I. **O desafio e o fardo do tempo histórico**. São Paulo: Boitempo, 2007.

MUSTO, M. Revisitando a concepção de alienação em Marx. In: DEL ROIO, M. (org.) **Marx e a dialética da sociedade civil**. Marília: Oficina Universitária, 2014, p. 61-94.

NASCIMENTO, C. Experimentação autogestionária: autogestão da pedagogia e pedagogia da autogestão. In: BATISTA, E. L.; NOVAES, H. T. (Orgs.). **Educação e reprodução social: as contradições do capital no século XXI**. Bauru, SP: Canal 6; Londrina: Praxis, 2011. p. 130-166.

NESS, I.; AZZELLINI, D. (orgs.) **Ours to master and to own - Workers' Control from the Commune to the Present**. New York, Haymarket books, 2011.

NETTO, J. P.; BRAZ, M. **Economia política: uma introdução crítica**. São Paulo: Cortez, 2008.

NOVAES, H. T. (Org.). **O retorno do caracol à sua concha: alienação e desalienação em associações de trabalhadores**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

NOVAES, H. T. **Reatando um fio interrompido: a relação universidade-movimentos sociais na América Latina.** São Paulo: Expressão Popular-Fapesp, 2012.

NOVAES, H. T. Trabalho associado como princípio educativo e a educação escolar: notas a partir das Fábricas Recuperadas brasileiras e argentinas. **Revista HistedBr on line**, 2013, p. 70-88.

NOVAES, H. T.; CASTRO, M. Em busca de uma pedagogia da produção associada. In: BENINI, É.; SARDÁ DE FARIA, M.; NOVAES, H. T.; DAGNINO, R. (Org.). **Gestão pública e sociedade: fundamentos e políticas públicas de economia solidária.** São Paulo: Outras Expressões, 2011. p. 153-188.

OLIVEIRA, E. **Toyotismo no Brasil.** São Paulo: Expressão Popular, 2006.

OS COMPANHEIROS. Direção de Mario Monicelli. Roma: 1964. Videocassete.

OU TUDO ou nada. Direção de Peter Cattaneo. Londres: 1998. Videocassete.

PINASSI, M. O.; MAFORT, K. Os agrotóxicos e a reprodução do capital na perspectiva feminista da Via Campesina In: RODRIGUES, F. C.; NOVAES, H. T.; BATISTA, E. L. (Orgs.) **Movimentos sociais, trabalho associado e educação para além do capital.** São Paulo: Outras Expressões, 2012. p. 141-158.

PISTRAK, M. **Fundamentos da escola do trabalho.** São Paulo: Expressão Popular, 2002.

PISTRAK, M. M. (Org.). **A escola-comuna.** São Paulo: Expressão Popular, 2009.

PINHEIRO, M.; MARTORANO, L. (orgs). **Teoria e prática dos conselhos operários.** São Paulo: Expressão Popular, 2013.

RAMOS, M. **Trabalho, educação e correntes pedagógicas no Brasil: um estudo a partir da formação dos trabalhadores técnicos da saúde.** Rio de Janeiro: UFRJ, 2010.

RANIERI, J. **A câmara escura: alienação e estranhamento em Marx.** São Paulo: Boitempo, 2001.

RODRIGUES, F. C. **MST - Formação Política e Reforma Agrária nos anos de 1980.** Tese (Doutorado em Educação). UNICAMP, Campinas, 2012.

RODRIGUES, F. C.; NOVAES, H. T.; BATISTA, E. L. (Orgs.). **Movimentos sociais, trabalho associado e educação para além do capital.** São Paulo: Outras Expressões, 2012. v. I.

ROLO, M. **Ocupando os latifúndios do saber: subsídios para o ensino da ciência na perspectiva politécnica da educação.** 2012. 382f. Tese (Doutorado em Educação). Rio de Janeiro, UERJ, 2012.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações.** Campinas, SP: Autores Associados, 2008.

SEGUNDA-FEIRA ao sol. Direção de Fernando Leon de Aranoa. Madrid: 2002. Dvd.

SEVÁ FILHO, O. Populações e territórios espoliados pela ampliação recente da infraestrutura industrial capitalista: focos de luta política e ideológica na América do Sul. In: RODRIGUES, F. C.; NOVAES, H. T.; BATISTA, E. L. (Orgs.). **Movimentos sociais, trabalho associado e educação para além do capital.** São Paulo: Outras Expressões, 2013. v. II, p. 24-50.

SILVA, N. F.; LIMA FILHO, P. A. A sociedade comunista na visão de Marx e Engels. In: NOVAES, H. T.; MAZIN, A. D.; SANTOS, L. (orgs.) **Questão agrária, cooperação e agroecologia**. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

SHELLEY, M. **Frankestein**. Porto Alegre: L&PM, 2000.

TRAGTENBERG, M. **Administração, poder e ideologia**. 3. ed. São Paulo: Editora da UNESP, 2005.

TRAGTENBERG, M. **Sobre educação, política e sindicalismo**. 2. ed. São Paulo: Editora da UNESP, 2006.

VASAPOLO, L. **Trabalho atípico e precariedade**. São Paulo: Expressão Popular, 2005.

VÁZQUEZ, A. S. **As ideias estéticas de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

VIEITEZ, C.; DAL RI, N. **Trabalho associado**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

¹ Docente da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC) – UNESP Marília. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação. hetanov@yahoo.com.br

² Para Lukács (2010), o trabalho é uma categoria especificamente humana. O metabolismo dos outros animais com a natureza é sempre uma adaptação passiva, geneticamente determinada em função das mudanças das condições do ambiente. Já o ser humano promove uma adaptação ativa. Nós criamos as condições materiais para a nossa própria reprodução.

³ Para uma introdução didática sobre a diferença do ser humano para os outros animais, ver o Filme *Ilha das Flores* (1989).

⁴ Para saber mais sobre as manifestações da alienação antes da Grande Indústria, ver Mészáros (2006).

⁵ Ver, por exemplo, os filmes *A corporação* (2002), *Segunda feira ao sol* (2002), *China Blue* (2005), *Contratados velhos de guerra* (1984), *Diamante de sangue* (2006) e *Ou tudo ou nada* (1998).

⁶ Para este debate, ver a parte do livro *Para além do capital* onde Mészáros lança a questão do “sistema comunal”. Na América Latina, José Mariátegui é um dos intelectuais que colocou com muita propriedade este debate a partir da positividade das sociedades incaicas e as transformações necessárias na América Latina para a construção do “socialismo indo-americano” sem necessariamente ter que passar pelo capitalismo. O livro *A luta de classes na Rússia* reúne praticamente os últimos escritos de Marx. Nele é possível perceber que para Marx as sociedades “primitivas” não devem ser destruídas pelo capital para alcançarmos o progresso. Elas poderiam “saltar” de um estágio pra outro sem necessariamente ter que destruir as antigas relações sociais.

⁷ Para saber mais sobre os sintomas da alienação do trabalho no taylorismo, ver Braverman (1987); no toyotismo, ver Tragtenberg (2005), Oliveira (2006) e Antunes (2008). Dois filmes clássicos, dentre alguns outros, abordam a alienação do trabalho: *A classe operária vai ao paraíso* (1976) e *Os companheiros* (1964). Nem mesmo as indústrias de fluxo contínuo (cervejarias, petróleo, etc.) – onde a transformação da matéria não depende da habilidade e destreza dos trabalhadores - escapam a esta realidade.

⁸ Ver, por exemplo, os artigos reunidos na coletânea organizada por Rodrigues, Novaes e Batista (2012).

⁹ No cotidiano, uma pessoa alienada é uma pessoa que não está a par do que está acontecendo, “lunática”, “alucinada”, “perturbada” ou “desinformada” em relação ao que se passa no mundo. A palavra também é usada quando se transfere um bem ou um patrimônio a outrem. Nos anos 1990, por exemplo, tivemos inúmeras campanhas “contra a alienação do patrimônio público”. Um carro está alienado a um banco enquanto não pagarmos todas as prestações. Machado de Assis explorou muito bem a ideia de alienação no sentido de “loucura” no conto *O alienista*, onde um médico, em nome da ciência, prendeu praticamente todas as pessoas “loucas” da cidade e, no fim, ele mesmo se interna.

¹⁰ Para saber sobre os conceitos de valor de uso e valor de troca, ver Marx (1996), além de Netto e Braz (2004).

¹¹ Como se trata de um artigo bastante introdutório, não poderemos debater com profundidade todas as dimensões do trabalho e do trabalho alienado. Para um aprofundamento, ver Mészáros (2004), Netto e Braz (2008), Ranieri (2001), Musto (2014) e Iasi (2014).

¹² Pesquisas recentes na América Latina têm mostrado a insatisfação do povo diante do avanço do controle das suas vidas pelas corporações transnacionais, a expulsão das suas terras em nome do progresso e dos transgênicos, o lucro dos pedágios e o escândalo das privatizações, o absurdo do preço e da qualidade do metrô e do ônibus, o lucro dos bancos, dentre tantos outros. Ver, por exemplo, Sevá Filho (2013) e Pinassi e Mafort (2012) e os manifestos de alguns movimentos sociais anticapital.

Recebido: mai2015 Aprovado: jun2015